

# Diálogos sobre Leitura literária e literatura infantil

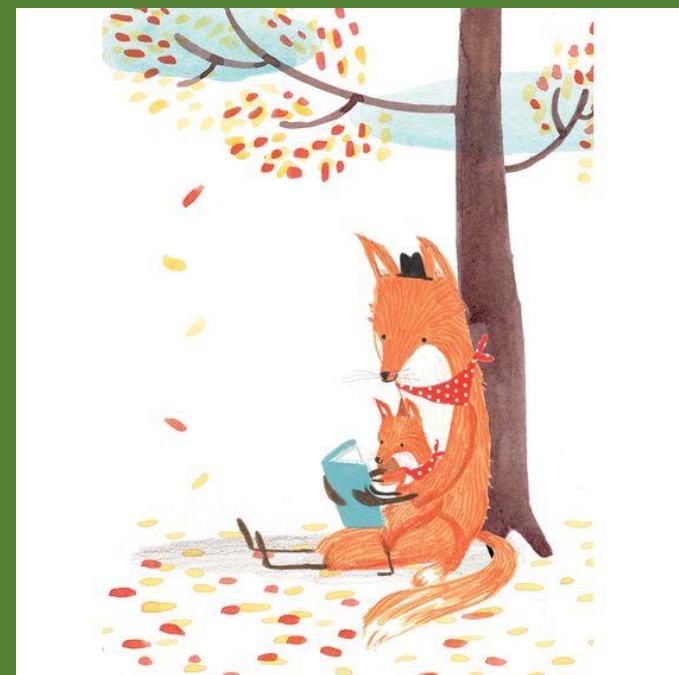
Sinepe - Setembro de 2017

Prof. Nazareth Salutto (Puc-Rio)

nazarethssalutto@gmail.com

## Literatura como direito das crianças e dos adultos

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação se constituiu um direito



Antonio Candido (2011:176-177)

# Literatura Infantil

Concebemos a literatura infantil como uma destas vozes com capacidade de abrir espaços para as crianças compreenderem e interpretarem o mundo, viverem a alteridade, conhecerem a si próprias, o outro e o mundo e, ainda, se inserirem na cultura escrita.

Patricia Corsino (2014:19)



# Literatura Infantil e escolarização

‘Não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes [...]. Portanto, não há como evitar que a literatura, ao se tornar ‘saber escolar’, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significa negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar *não é* a escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o’

Magda Soares (2006:20–22)



# Literatura infantil e escolarização: faces e disfarces

A criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesia, geralmente escreve melhor e dispõe de um repertório mais amplo de informações, sim. Mas essa não é a principal função que a literatura cumpre junto ao seu leitor. Mesmo sem precisar discorrer sobre a função da literatura, sabemos que é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e os sentidos – no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer – que a torna importante para uma criança.



A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim.

Regina Zilberman (2003:16)

Diálogos sobre práticas:  
leitura literária, literatura infantil e  
leitores na escola

‘O livro, assim, dessacralizado, fazendo parte do cotidiano das crianças, é promovido a lugar de encontros, interações, descobertas, produção de sentidos [...]. Não se trata de tornar o livro um objeto de culto, caindo no discurso comum do ‘é muito importante ler’. Certamente que é, imersos que estamos numa cultura letrada. Mas, para além desse ponto, a proposta envolve pensar o livro no fluxo do cotidiano, como uma das chaves de acesso à cultura, a produções estéticas variadas, às interações no compartilhar de uma história’

Patricia Corsino e Nazareth Salutto  
(2014:91)



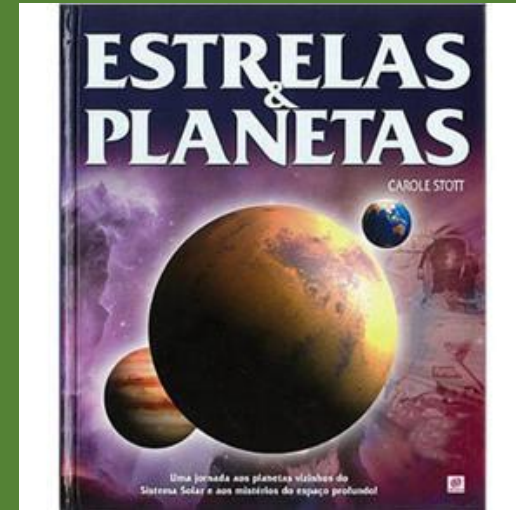
‘A criança manipula o livro de cabeça para baixo, do meio para o fim, de cabeça para cima. A liberdade lhe permite isso. Só em liberdade inventamos e reinventamos o mundo. A liberdade é que conduz o leitor, leitura afora. [...]. A criança é que elege a sua leitura e atribuiu ao objeto livro o que ele tem a lhe dizer. O livro é um objeto e a criança, o sujeito. Nesta relação, é o sujeito que fala.’

Bartolomeu Campos de Queirós  
(2012:92)

# “Na minha imaginação existe”

O grupo 5 chega à biblioteca animado e logo as crianças espalham-se pelo espaço. Individualmente, em dupla, ou pequenos grupos, selecionam livros para lerem. Nesse dia, não havia atividade combinada com a dinamizadora. Um grupo de quatro meninos partilha a leitura do livro Planetas. Num diálogo dinâmico, as crianças passam as páginas trocando informações, nomeando os planetas que reconhecem. Num determinado momento, ficam num impasse quanto a um dos planetas, que não reconhecem imediatamente. Nesse momento um deles diz: “Já sei! É o planeta Arte!”; outro colega afirma: “Isso não existe, planeta arte!” ao que ele responde: “Mas, na minha imaginação existe!”. Viram a página e continuam a conversa sobre o livro

(Caderno de planejamento da dinamizadora. 11/11/13).



‘Nós, os educadores comprometidos com a formação de leitores, devemos assumir essa formação não apenas como desenvolvimento de habilidades leitoras e atitudes positivas em relação à leitura, mas também, talvez sobretudo, como possibilidade de democratização do ser humano, conscientes de que, em grande parte, somos o lemos, e que não apenas lemos os livros, mas também somos lidos por eles’

Magda Soares (2008:32)

‘É indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um país mais digno’

Bartolomeu Campos de Queirós (2012)



Muito  
obrigada!

